



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ELIUDE MARTINS DA SILVA  
PEDRO PARAFITA BORGES  
ROSÁLIA DOS SANTOS OLIVEIRA

**FESTIVAL DO CAMARÃO E BATALHA CAMAROEIRA: DOIS CAMARÕES NA  
CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE**

MACAPÁ  
2016

ELIUDE MARTINS DA SILVA

PEDRO PARAFITA BORGES

ROSÁLIA DOS SANTOS OLIVEIRA

**FESTIVAL DO CAMARÃO E BATALHA CAMAROEIRA: DOIS CAMARÕES NA  
CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal do  
Amapá, como pré-requisito para obtenção do  
título de graduado em Ciências Sociais  
(Licenciatura e Bacharelado), sob orientação  
da Profª MSC Adriana Tenório da Silva.

Banca Examinadora

---

Profª MSC Adriana Tenório da Silva (Orientadora)

---

Profª Dra. Maria do Socorro Oliveira (Membro)

---

Profº MSC David Junior de Souza Silva (Membro)

## RESUMO

Esta pesquisa deu-se na cidade de Afuá, Estado do Pará. Nesta cidade ocorre há mais de trinta anos o Festival do Camarão que se tornou hoje a maior manifestação artística e cultural do arquipélago do Marajó. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa a partir do Festival do Camarão e da Batalha Camaroeira, é buscar a compreensão de como a população afuaense vem mantendo viva a sua tradição. A pesquisa contou com a observação participativa, aplicação de questionários semiestruturados à comunidade, assim como com a realização de entrevistas com moradores e idealizadores do Festival do Camarão e da Batalha Camaroeira. Visa-se considerar e analisar os elementos que atuam na construção, manutenção e transformação de uma identidade cultural tendo como base alguns estudos de Stuart Hall (1992), Manoel Castells (1999) e Renato Ortiz (1994). Diante disso, se evidencia a busca pela autoafirmação dos afuaenses, que a partir de sua cultura local, visam criar elementos que atuem na construção e manutenção de sua identidade, sendo assim, o Festival do camarão e a Batalha Camaroeira são símbolos dessa luta.

**Palavras-chave:** Afuá, Marajó, Tradição, Cultura, Identidade.

## ABSTRACT

This research took place in the city of Afuá, Pará State. In this city is for more than thirty years, the Shrimp Festival which has become now the largest artistic and cultural manifestation of the Marajó archipelago. Thus, the objective of this research from the Shrimp Festival and Battle Camaroeira, is to seek the understanding of how afuaense population has kept alive the tradition. The research was participatory observation, application of semi-structured questionnaires to the community, as well as conducting interviews with residents and creators of the Shrimp Festival and Battle Camaroeira. The aim is to consider and analyze the elements that work in the construction, maintenance and transformation of a cultural identity based on some studies Stuart Hall (1992), Manuel Castells (1999) and Renato Ortiz (1994). Thus, it is evident the search for self-affirmation of afuaenses that from their local culture, aimed at creating elements that work in the construction and maintenance of its identity, therefore, the Shrimp Festival and the Battle Camaroeira are symbols of this struggle.

**Keywords:** Afua, Marajó, Tradition, Culture, Identity.

“Falam os índios aqui deste lugar  
A terra do fogo chamada Açuá, Açuá  
Mas veio um dia um boto pra complementar  
Assoprando com clareza a palavra Afuá  
A palavra é beleza, falo com certeza  
Contam os caboclos a história desse lugar  
Que na enchente da noite o boto vinha a buiá, a buiá  
E na ribanceira do miritizeiro, as mulheres seu banho iam tomar  
Mas uma delas queria com o boto namorar  
Afuá é beleza, falo com certeza  
Quando chega o lançante, vira a nossa Veneza  
E na lua cheia o Kutruku vinha aparecer  
Mas ninguém tinha coragem de olhar o bicho, com medo de adormecer  
Quando arrastava sua corrente, botava a gente pra correr  
Afuá é beleza, falo com certeza  
Quando chega o lançante, vira a nossa Veneza.”

**Música: Encantos Marajoaras**

**Autor: Raimundo do Socorro Souza Gonçalves (Sarito)**

## INTRODUÇÃO

Segundo Ortiz (2006), os estudos culturais caracterizam-se por sua dimensão multidisciplinar, pela quebra das fronteiras tradicionalmente estabelecidas nos departamentos e universidades. Assim como a reflexão sobre cultura, no sentido amplo do termo, enriquece a compreensão das relações sociais.

Ao considerarmos a discussão sobre identidade, o imaginário que surge nos remete à referência de algo concreto. Porém, como mostra Castells (1999), a identidade pode ser compreendida em constante construção e renovação do passado. Dessa forma, este trabalho busca realizar uma análise da construção de identidade no município de Afuá.

A referida cidade promove há mais de trinta anos, na última semana de Julho, o Festival do Camarão. Este se apresenta como a maior manifestação artística e cultural do arquipélago do Marajó. Com o decorrer dos anos passou a atrair milhares de pessoas que vem de todos os lugares para prestigiá-lo, movimentando, assim, a economia da cidade.

Sendo assim, a partir da análise do Festival do Camarão e da Batalha Camaroeira esta pesquisa torna-se imprescindível para concebermos como este povo, que traz consigo fortes heranças culturais, conseguiu se estabelecer por décadas, enquanto população da Amazônia, com suas especificidades, e que concomitantemente possui intensa presença da globalização na sua rotina, refletindo, dessa maneira, diretamente na construção da sua identidade.

O presente trabalho foi efetivado através de pesquisa de campo, bem como, a partir da observação participativa e aplicação de questionários semiestruturados à comunidade. Contou também com a realização de entrevistas com moradores e idealizadores do Festival do Camarão e da Batalha Camaroeira.

No primeiro momento o artigo apresenta um breve histórico sobre a criação do município e suas particularidades, em seguida, faz uma abordagem sobre a relação dos afuaenses com a ilha, assim como a presença da globalização no seu cotidiano e sua influência na cultura local, finalizando com o Festival do Camarão e a batalha camaroeira, principais representantes da busca pela construção da identidade local.

## A HISTÓRIA DE AFUÁ

Afuá tem 124 anos de emancipação, mas já existia há quase 40 anos antes de ser emancipada (Figura 1). A Ilha do Marajó, onde localiza-se a cidade em questão, mede 51 mil km<sup>2</sup> e se compõe por 16 municípios. Fica localizada em região que faz fronteira com os municípios de Breves, Chaves, Gurupá, Anajás, e estado do Amapá. Há 150 anos, a Ilha era chamada de Ilha Grande de Joanes, que pertencia ao Grão Pará, hoje Estado do Pará.

Figura 1: Vista aérea da Cidade de Afuá.



Fonte: [www.afua.pa.gov.br](http://www.afua.pa.gov.br)

Segundo livro de registros disponível na biblioteca municipal da cidade de Afuá (exemplar somente para consulta), o município teve origem há cerca de 164 anos quando viajantes que partiam do sul do Pará com destino à Guiana Francesa passaram a ver na Ilha um ponto de refúgio, tanto para se proteger de possíveis saqueadores quanto para evitar o naufrágio das embarcações já que nessa área as chamadas maresias<sup>1</sup> se mostram mais intensas.

Micaela Ferreira, uma regatão<sup>2</sup> que vendia mercadorias percorrendo os rios em seu barco, adotou a região como dormitório. Ela, que posteriormente se tornaria fundadora da cidade, se escondia na Ilha, e visando dormir com mais segurança, se habituou a parar ali todas as vezes que fazia o trajeto.

Na época, Afuá não possuía nenhum documento legal, até então pertencendo ao município de Chaves. Com interesse nas terras, Micaela Ferreira

---

<sup>1</sup> Segundo conhecimento popular, no norte do Brasil, maresias são conhecidas como as ondulações formadas nos rios, podendo ser intensa ou não, conforme as condições do clima.

<sup>2</sup> "adj. Que regateia no preço. s.m. Aquele que compra por atacado para vender a retalho." <https://www.dicio.com.br/regatao/>

logo se tornou proprietária da mesma, ocupando sua posse de acordo com o Decreto nº 1.318, de 30 de janeiro de 1854, que por ordem de Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, mandou executar a Lei nº 601, de 13 de Setembro de 1850:

Dispõe sobre as terras devolutas no Império a cerca das que são possuídas por títulos de sesmaria sem preenchimento das condições legais, bem como por simples título de posse mansa e pacífica: e determina que, medidas e demarcadas as primeiras, sejam elas cedidas a título oneroso, assim para empresas particulares, como para estabelecimentos de colônias de nacionais e de estrangeiros, autorizando o Governo a promover a colonização estrangeira na forma que se declara.

Devota de Nossa Senhora da Conceição, Micaela se preocupou em construir uma pequena casa e uma capela para reverenciar sua santa de devoção. A partir disto começou a criação do Sítio Santo Antônio, que se tornou a primeira vila habitada da região. O fato da localização da ilha ser propícia para a parada de viajantes e a facilidade na aquisição de lotes de terra, foram fatores predominantes para o crescimento do povoado.

Com poucos escritos sobre Micaela Ferreira, não se sabe muita coisa relacionada a seu passado, mas o que chama atenção é o fato de que antes de morrer a regatão teria doado as terras para Nossa Senhora da Conceição, que já tinha uma Igreja Matriz na Cidade, através de um documento. Com relação a esse documento, ele só existe na memória coletiva dos afuaenses, histórias contadas e repassadas por gerações.

Este ocorrido causa muitos comentários entre a população e muita curiosidade da parte de quem visita a cidade e fica sabendo da história. O Secretário de Cultura de Afuá Raimundo Carmo de Souza Chagas, conhecido popularmente como Piska, afirma que muitas pessoas questionam o fato das terras serem realmente da Santa, principalmente quando alguma decisão tomada pela prefeitura não lhes agrada. Conforme relato do mesmo: “As pessoas falam que a prefeitura não manda em nada porque a terra é da Santa, mas nós sabemos que a Santa não tem poder de administração.” (Piska, Junho, 2015).

No período após sua emancipação, Afuá era habitada por poucas pessoas, só existindo a rua principal e dois bairros divididos pela câmara de vereadores, denominados Sete de Setembro e Arsenal. Havia ainda uma área periférica chamada Rabo da Gata. Atualmente esses dois bairros formam um só

conhecido como Centro. Hoje a pista de pouso da cidade separa os dois bairros existentes em Afuá, são eles: Centro e Capim Marinho.

O Município mede, hoje, 8.424,38 km<sup>2</sup>. Segundo o senso demográfico em 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população estimada é de 35.000 (Trinta e Cinco Mil) habitantes, com cerca de 9.478 (27%) mora na zona urbana, conhecida como Sede, e 25.564 (73%) residentes na zona rural. Ainda segundo o senso, a estimativa para este ano (2016) é de 37.778 (Trinta e Sete Mil, Setecentos e Setenta e Oito) habitantes.

Uma das peculiaridades que Afuá possui é por ser uma cidade erguida por palafitas. O que atrai os visitantes, sendo eles nacionais e internacionais, é exatamente o exotismo que se cria referente à cidade. Vale destacar que o olhar deste turista se difere dos afuaenses, já que para os moradores as palafitas são tidas como ruas assim como na cidade.

Figura 2: Primeiro Bicitáxi e seu Criador Sarito.



Fonte: Acervo pessoal (Junho, 2016).

Outra de suas peculiaridades é o Bicitáxi (Figura 2), criado em 1995 por Raimundo do Socorro Souza Gonçalves, conhecido popularmente por “Sarito”. Na época de sua criação, consistia na adaptação de uma bicicleta como um triciclo simples, posteriormente foi aprimorada transformando-se em um quadriciclo, com acessórios, como luzes e sons (Figura 3).

Este tipo de veículo logo se popularizou entre os afuaenses já que o principal meio de transporte dessa região é a bicicleta. Pois, Afuá é conhecida como a cidade das pontes, e sendo assentada em uma região de várzea, o tráfego de veículos motorizados torna-se inviável.



Figura 3: Bicitáxi aperfeiçoado, utilizado nas pontes de Afuá.



Fonte: Acervo pessoal, Raimundo Carmo de Souza Chagas, Piska.

O valor de um Bicitáxi simples custa no mínimo R\$ 2.500,00 (Dois Mil e Quinhentos Reais), e dependendo dos acessórios que se coloca, o veículo pode ficar mais valorizado. Observa-se que ter um Bicitáxi em Afuá eleva o status de uma pessoa ou família.

O Bicitáxi se tornou um atrativo a mais para os turistas que visitam a cidade, pois este curioso invento já foi noticiado em vários programas nacionais, e o mesmo acaba sendo um representante do patrimônio material da cultura afuaense.

## **OS AFUAENSES, SUA RELAÇÃO COM A ILHA E A GLOBALIZAÇÃO**

Entra em cena a realidade que este trabalho busca analisar, tendo como foco um estudo sociocultural do Município de Afuá, que assim como todas as sociedades amazônicas, apresenta traços globais em seus comportamentos, mas possui suas especificidades.

Vivendo em uma sociedade globalizada, podemos compreender tal processo utilizando o conceito de McGrew (1992) em “A Sociedade Global?”, onde ele argumenta que:

A globalização se refere a processos atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado.” (McGrew, 1992, p. 61)

Nessa discussão, Ortiz (1994) em seu livro “Mundialização e Cultura”, disserta, revelando que o mundo chega até nós e não precisamos nos locomover. Se em um primeiro momento a reflexão sobre a globalização, pela sua amplitude,

sugere que ela se afaste das particularidades, pois se o global envolve "tudo", as especificidades se encontrariam perdidas na sua totalidade.

Ainda segundo esse mesmo autor, a globalização está presente nas particularidades; a mesma reorientando o comportamento das pessoas no que diz respeito à alimentação, vestuário, filmes, aparelhos eletrônicos, tudo isso modifica nossos hábitos, nossos comportamentos, e conseqüentemente nossos valores. Afuá não deixa de receber tais informações que posteriormente se constituem enquanto valores.

A Veneza Marajoara é conhecida por seus inúmeros encantos, sua população quebra qualquer estereótipo existente à população amazônica. Ao caminhar pela cidade, uma ilha cercada pelo Rio Amazonas, qualquer tipologia existente é desfeita, já que é comum seus habitantes possuírem energia em casa, internet, assistem e recebem informações nacionais e internacionais, comem pizza, hot dog, hambúrguer, ouvem os mais variados ritmos musicais e vestem-se de acordo com a "moda". Todas as novidades chegam até eles.

No entanto, é possível ver estas pessoas navegando de canoa, sobrevivendo da pesca, da venda de açaí, tomando banho no rio. Dentro desse contraste é possível perceber a conservação da cultura afuaense, se autoafirmando em meio a tantas influências, construindo assim, sua identidade.

Segundo Canclini (2013), este fato se evidencia no cotidiano do mundo moderno em que há um hibridismo cultural a qual consiste na miscigenação entre diferentes culturas, uma heterogeneidade cultural. As culturas já não se agrupam em grupos fixos e estáveis e os dispositivos de reprodução se proliferam. Observa-se uma reformulação das formas culturais.

Afuá possui aspecto de um município interiorano, porém existe uma separação estabelecida pelos próprios moradores residentes na Sede do município que afirmam que as localidades próximas da Sede, seria a parte rural, o interior, já a Sede, a urbana. Este olhar dos moradores chama atenção, pois a maneira que eles sentem sua cidade é totalmente diferente da percepção das pessoas que vêm de fora.

Uma vez a Ana Maria Braga veio fazer uma reportagem aqui da cidade, aí a repórter invés de ficar aqui na sede (cidade) ela foi passar a noite no interior que não tem nada a ver com a gente que mora aqui na cidade. Aí quando passou a reportagem, a gente ficou com raiva porque a Ana Maria ainda achou que a gente não tava assistindo. Será que ela pensa que aqui não tem televisão? A gente não mora no interior." (C.F. Morador, Junho, 2016)

Outro aspecto que chama atenção é o fato de que, apesar da presença da influência do urbano, trazendo consigo o contemporâneo – o que afeta diretamente o comportamento desse sujeito – é possível perceber uma forte relação entre esse homem e a natureza, que se contrapõe à relação que o homem urbano possui com a mesma.

É possível notar esta relação na economia do município, uma vez que se extrai da natureza o que se precisa para a subsistência da população. Os afuaenses que moram no “interior”, abastecem o comércio da sede da cidade com a pesca, pecuária, açai, camarão, hortaliças e raízes.

Quando se visita a cidade de Afuá, a recepção que se têm é de uma comunidade acolhedora, já que a hospitalidade é uma das principais características de seus moradores. Segundo Bauman (2003), a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado.

A partir desta perspectiva abordada por Bauman (2003), em que a comunidade seria um paraíso perdido nos dias atuais, onde se encontra proteção e segurança, pode-se usar Afuá como exemplo. Pois no período da pesquisa, ao falar com uma moradora sobre o Festival do Camarão, ela declara:

Todos os anos os meus filhos vêm de Macapá pro Festival, eles trazem os amigos deles, todo mundo fica aqui em casa. É uma festa só. Vocês vão vim pro festival também? Se vocês quiserem pode ficar aqui em casa também, aqui tem lugar pra todo mundo.” (M.S, Moradora. Junho, 2016)

A relação existente entre os afuaenses é de harmonia. Por se tratar de um espaço urbano pequeno, todos de alguma forma se conhecem e se reconhecem. Embora a globalização esteja presente na cidade de Afuá, ainda é possível perceber dentro das relações interpessoais a existência de cumplicidade entre seus moradores.

Esta relação se evidencia no cotidiano quando encontramos moradores em frente as suas residências, no final de tarde conversando com tranquilidade, ou a sensação de segurança que se têm quando se caminha pelas passarelas de Afuá, embora não haja um policiamento intensivo, os furtos e roubos são raros. Esses aspectos estão atrelados, principalmente, à cultura e aos costumes locais, em que a relação do homem com o meio em que vive é de reciprocidade.

A vida aqui é boa, não tenho vontade de morar em outro lugar. Eu vim pra cá pequeno, e olha que já tô velho, mas não troco isso aqui. Aqui a gente trabalha, é calmo, só às vezes tem umas confusãozinha, mas todo mudo se conhece.” (J.G. Morador, Junho, 2016)

Vale ressaltar que o município de Afuá, mesmo sendo urbanizado, se apresenta enquanto cultura ribeirinha. Com os escritos de Diegues (1996), dissertando sobre a cultura ribeirinha, tornam-se compreensíveis as características de tal cultura.

O seu modo de vida é particular, envolve grande dependência dos ciclos naturais, conhecimento profundo dos ciclos biológicos e dos recursos naturais, simbologias, mitos e até uma linguagem específica.

Existe na cidade de Afuá, um dicionário próprio de seus moradores, que foi resgatado e registrado pelo já citado secretário de cultura Raimundo Chagas, com o significado de algumas das muitas palavras utilizadas pela população marajoara, dentre elas:

**Fofóia:** Capa de proteção do cacho de açaí.

**Gapuiar:** Secar o poço dos igarapés para pegar camarão ou peixe.

**Piraquerar:** Ato de matar peixe a noite com zagáia nas margens dos igarapés.

**Rebújo:** Turbilhão de água vindo do fundo dos rios, produzido pelas correntezas.

**Zagáia:** Lança de três pontas que é utilizada para capturar peixes.

## **O FESTIVAL DO CAMARÃO E A BATALHA CAMAROEIRA**

Afuá sedia há 34 anos o Festival do Camarão ocorrido na última semana de julho. Considerada hoje a maior manifestação artística e cultural do arquipélago do Marajó, todos os anos atrai milhares de turistas e visitantes para a cidade.

Quanto ao nome “Festival do Camarão”, ele é dado por conta de uma das principais comidas típicas da região. Um alimento que está presente em várias receitas do dia a dia da população afuaense e que pode ser pescado até mesmo na rampa da casa dos moradores que vivem nos arredores da cidade.

Sendo encontrado em muitas receitas, o camarão tornou-se símbolo da Veneza Marajoara. Uma vez que a culinária também particulariza e define as pessoas, e em momentos de festa como esse, seus traços culturais se revelam.

É curioso observar a intimidade que muitos dos participantes que não moram na cidade, mas que estão presentes em Afuá na época do Festival do Camarão, possuem com os moradores e com o ambiente. Para eles, aquele local seria o que Magnani (1998) chama de “Pedaço”, ou seja, “lugar dos colegas, dos chegados. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e do que se pode ou não fazer.”

Magnani (1998) mostra ainda que a festa é um momento de lazer – parte integrante da vida cotidiana das pessoas e que constitui o lado mais agradável e descontraído da rotina semanal – de celebração, onde a condição econômica ou social não interfere na diversão de seus participantes, é o que se observa em Afuá nesse período, conforme relato do Secretário de Cultura: “Era um festivalzinho. A gente festejava lá na beira do rio. Devagar ele foi tomando forma da grande festa que é hoje.” (Piska, 2015).

Ao conversar com Raimundo Carmo de Souza Chagas, o secretário de cultura, que já está há dezenove anos no cargo, ele nos esclarece que em determinado momento observou que o Festival do Camarão começava e terminava com bandas de fora, não havia representação da cultura afuaense.

Então, Piska introduziu há 11 anos a Batalha Camaroeira no Festival do Camarão. Por esse motivo se declara criador da mesma. A significação da Batalha segundo o secretário de cultura diz respeito à:

Disputa entre dois camarões, onde ambos se apresentam ao público, exibindo-se através dos grupos, das alas, da criatividade, das coreografias, das alegorias, das danças, dos gestos, dos efeitos visuais, das disputas, dos adereços, dos brilhos, das luzes, das músicas regionais, dos cantos, das lendas, das histórias, das manifestações culturais, dos temas em foco. (Projeto Cultural elaborado por Piska no ano de 2005)

De acordo com Piska, ele também é o autor do ritmo que embala a Batalha, a *Lanceada*, este é o nome dado ao ato de capturar camarão com a rede de pesca. O ritmo foi patenteado como uma mistura de carimbó com ciranda.

O primeiro ano (2005) foi de apresentação dos camarões (Figura 4), cujos personagens se identificam como: camarão cru/verde intitulado de Convencido, este na cultura popular é o sujeito que já nasce bonito, se veste muito bem e ainda se sente o tal.

Figura 4: Camarão Convencido e Camarão Pavulagem.



Fonte: [www.afua.pa.gov.br](http://www.afua.pa.gov.br)

E ainda o camarão cozido/vermelho, chamado de Pavulagem, já este na cultura popular é um sujeito orgulhoso, não se importa com a maneira que se veste, costuma se trajar da forma que acha conveniente, é aquele que tem confiança excessiva em si próprio, vocábulo que se origina do pavão.

Figura 5: Camaródromo situado na sede da cidade de Afuá.



Fonte: Acervo pessoal, Junho, 2016.

O embate ocorre na quadra de esportes da cidade que hoje já é conhecida como Camaródromo (Figura 5) por ser palco do Festival do Camarão e da Batalha Camaroeira. Localiza-se às margens do rio, na frente da cidade. No período da festa concentra um considerável número de pessoas.

Sua ornamentação chama a atenção por ser feita com material artesanal e baseada no cotidiano da população local. Dentro do camaródromo, o lado de cada torcida já é certo. Camarões feitos artesanalmente: um vermelho, pendurado e marcando a arquibancada da agremiação denominada pavulagem, e um verde no lado que demarca o espaço da agremiação do camarão convencido.

Ao redor do Camaródromo ficam Matapis<sup>3</sup> gigantes com pessoas em seu interior dando informações para os visitantes. Esse espaço é sem dúvida uma marca da cultura e da identidade afuaense, sendo impossível pensar essa festa sem incluir o Camaródromo como sendo um dos principais ícones do Festival e da Batalha.

Três anos consecutivos após a apresentação dos camarões (2006, 2007, e 2008), somente o camarão vermelho ganhou as batalhas. Já nos quatro anos seguintes o Convencido manteve-se campeão (2009, 2010, 2011 e 2012). Em 2013 não houve a Batalha, pois a prefeitura da cidade não colaborou com o projeto. Já em 2014, o camarão Convencido conseguiu conservar-se enquanto atual vencedor da Batalha.

A Batalha Camaroeira do ano de 2015 e 2016 não ocorreu devido à falta de recursos financeiros e estrutura para realizar a apresentação. Vale ressaltar que no material de divulgação do Festival, a Batalha está sempre inclusa. Ainda assim, a agremiação do Camarão Convencido marcou presença no ano de 2015 no Camaródromo e realizou sua apresentação. Já neste ano foi a vez do Camarão Pavulagem se fazer presente no Festival.

Atualmente, o Camarão Convencido é considerado Patrimônio Imaterial do Pará. Segundo representantes do Camarão Pavulagem, a agremiação só não tem o mesmo reconhecimento por questões burocráticas, por não estar com seus documentos regularizados, pois ambos possuem personalidades jurídicas.

Partindo do ponto de vista da discussão sobre a mutação ou não da identidade, Hall (1992) no livro “A Identidade Cultural na pós-Modernidade”, traz várias visões de pensadores que defendem que a identidade está em constante mudança e os que acreditam que ela é estática, ou seja, que ela sempre permanece a mesma.

Hall confronta as ideias de pensadores como John Locke (1967), que definia o indivíduo com uma identidade que permanecia a mesma e que era contínua com o seu sujeito, e ainda com trabalho de Freud e de pensadores psicanalíticos como Lacan (1997) que defendiam que:

(...) a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (Hall, 1992, p.24)

---

<sup>3</sup> “Armadilha para capturar camarão. Feito de tala e cipó.” (Dicionário popular da cidade).

Segundo Castells (1999), podemos compreender por identidade, a fonte de significados e experiência de um povo, porém para que se constitua a identidade de uma cultura os atores sociais envolvidos precisam se reconhecer dentro dela já que os significados e experiências são construídos e mantidos por eles por meio de um processo de individuação<sup>4</sup>.

Para Castells (1999), a construção de identidade vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais.

Dessa forma, essas matérias são processadas pelos grupos sociais, os quais reorganizam os seus significados em função de sua estrutura social, se reconhecendo dentro dela e se distinguindo de outros.

Giddens (1990) afirma que nas sociedades tradicionais o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. Dessa forma, a identidade de um povo e suas manifestações culturais o representa diante de uma variedade de significados produzidos por outros povos, assim sendo, o separa e afirma sua existência mostrando a sua real importância na construção de sua história e sua permanência nas gerações futuras.

A partir disso, entende-se a preocupação do Secretário de Cultura por ter sido o criador da batalha e do ritmo que a embala, em preservar o que é regional. O mesmo demonstrou sua aversão a ritmos de fora que alguns organizadores insistem em enxertar na Batalha dos Camarões, como a “Toada”, que embala a apresentação dos Bois em Parintins – Amazonas.

As agremiações dos camarões chegaram a levar pessoas de fora para ajudar na realização do evento, mas houve muitas discussões a respeito do que seria apresentado. Um artista de fora da cidade chegou a falar que “o Estado do Pará não presta nem pra fazer rima”, e disse mais, “Como é que vai fazer rima de um lugar que já quer parar?”.

A insistência da tentativa de se parecer com a festa dois bois-bumbá em Parintins e deixar de lado toda a riqueza da cultura afuaense causa comentários, pois segundo relato: “a gente tem a nossa marca, tem a Batalha, tem a Lanceada. Ficar querendo trazer coisas de fora é como deixar o teu filho com fome, chorando na tua casa, e fosse cuidar do filho do vizinho que é rico”. (Piska, Junho, 2016)

---

<sup>4</sup> “Ação de individualizar. O que distingue um indivíduo de outro.” <https://www.dicio.com.br/individuacao>



Com essa divergência de opiniões fica claro que trazer algo diferente para acrescentar na Batalha Camaroeira incomoda bastante o seu criador, porque para ele esse fato pode interferir diretamente na essência do espetáculo. Sobre isso, Magnani (1998) afirma que:

A mudança de uma vestimenta, a substituição de um instrumento ou a adaptação de um antigo costume são vistos como sintomas da progressiva diluição das tradições populares. É, pois, uma visão estática e “museológica” que encerra a cultura como um acervo de produtos acabados e cristalizados, alheios às mudanças das condições de vida de seus portadores. (Magnani, 1998, p.26)

Os temas das Batalhas devem sempre buscar enaltecer através da arte, o que é da região. Neste sentido, vale ressaltar que já foi colocado em discussão em determinado ano que a Batalha tivesse como tema os deuses da mitologia grega. O que fugiria totalmente do que se deveria evidenciar na Batalha Camaroeira.

A Batalha foi criada com o intuito de representar e dar visibilidade às peculiaridades da região de Afuá, já que até então, no Festival do camarão só se apresentavam bandas e não havia nada relacionado aos costumes e à cultura local. A Lanceada, ritmo que embala a Batalha, foi pensado justamente para mostrar ao público que há anos prestigia a festa, uma das especificidades da região.

As apresentações dos camarões mostram o dia a dia da vida de muitos dos moradores da região. O índio em sua canoa, o caboclo ribeirinho e tantos outros são representados no decorrer das apresentações das agremiações feita por brincantes que retratam o cotidiano de um povo que se mostra orgulhoso de suas raízes.

Eu gosto do Festival do Camarão, mais pela Batalha Camaroeira mesmo, eu gosto de ver as apresentações, as pessoas dançando, as histórias que eu cresci escutando dos meus pais e conto pra meus filhos e eles também vão contar pros filhos. O que eu vejo nessas apresentações, nessa dança, é a vida, a história das pessoas de todo Afuá, é a alegria e orgulho de quem é daqui. (R.S. Morador, Julho, 2016)

As lendas da região não ficam de fora do espetáculo, deixando todos atentos aos mínimos detalhes: sereias encantadas, pescadores, botos que se transformam em homens vestidos de branco, que seduzem as mulheres em noites de lua cheia, e antes do sol aparecer desaparecem nos rios da região. E tantas outras figuras lendárias vistas ou relatadas em acontecimento pelos nativos.

A diretoria das duas agremiações (Convencido e Pavulagem) relata o descaso da Prefeitura com a Batalha como símbolo da cultura local. Revelando que

até mesmo a população de Afuá valoriza muito mais as bandas que se apresentam no Festival, muitas com renomes nacionais, do que a própria Batalha Camaroeira.

A prefeitura não investe como deveria na Batalha Camaroeira, temos que tirar do nosso próprio bolso no final das contas, porque a verba que eles disponibilizam é insuficiente e muitas pessoas daqui se importam mais com as bandas que vêm tocar no festival do que com a Batalha que, afinal, é o que nos representa. (Jhony, vice presidente do Pavulagem, Junho, 2016)

Dessa forma, esclareceram que o valor em dinheiro que a prefeitura repassa a eles é muito pequeno frente ao que se precisa para realizar a Batalha, e que a mesma só se torna possível pelo amor que os participantes possuem pelo seu Camarão e sua cultura.

Diante disso, se evidencia a busca pela autoafirmação dos afuaenses, que a partir de sua cultura local, visam criar elementos que atuem na construção e manutenção de sua identidade, sendo assim, o Festival do camarão e a Batalha Camaroeira são símbolos dessa luta.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As populações tradicionais preocupadas com a conservação da sua cultura, ainda que por sua vez, sofram a influência do contemporâneo, buscam a sua autoafirmação revitalizando aquilo que é seu, suas raízes. Este trabalho torna-se relevante à medida que se propõe gerar visibilidade ao modo de ver, pensar e agir destas populações, ricas em manifestações culturais, ressaltando ainda a sua relação com a natureza, que muito se contrapõe à relação que o homem urbano tem com a mesma.

Falar de identidade é um tanto quanto desafiador tendo em vista o processo de globalização pela qual as sociedades estão passando. Porém, na comunidade marajoara, por mais que percebamos algumas mudanças com relação ao novo, a tradição é demasiadamente forte, mesmo com alguns embates entre quem prefere, de algum modo, trazer algo de fora e quem não concorda em aderir ao hibridismo cultural, as raízes e crenças do povo permanecem vivas e sendo repassadas de geração em geração.

Sabendo que a identidade é um processo em constante mudança, entende-se que o processo de globalização está presente para somar na construção das identidades, pois este processo atua interligando as populações e suas culturas.

Fazendo parte da sociedade capitalista, onde as relações se liquefazem, torna-se difícil a construção e manutenção do sentimento de pertencimento, este sendo primordial na autoafirmação da identidade cultural de um povo.

Dessa forma, as manifestações culturais sofrem influência do contemporâneo, ocorrendo certo acultramento da identidade local. Mesmo com a constante presença da globalização, as comunidades tradicionais buscam se afirmar enquanto tal, resgatando e reinventando o mundo em que vivem.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A Busca por Segurança no Mundo Atual**. Editora Jorge Zahar LTDA. Rio de Janeiro, 2003.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**. Editora Edusp. São Paulo, 2013.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1999.
- DIEGUES, Antonio Carlos Santana. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 3ª ed. Editora Hucitec, São Paulo, 2001.
- GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. Editora Unesp, São Paulo, 1990.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Editora Lamparina, Rio de Janeiro, 2014.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Censo 2010**. Disponível no site: <<http://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em: 13/10./2016.
- MCGREW, Anthony. **“A Sociedade Global?”**, 1992.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: Cultura Popular e Lazer na Cidade**. 2ª ed. Editora Unesp, São Paulo, 1998.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1994.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização: Saberes e Crenças**. Editora Brasiliense, São Paulo, 2006.